

DESVELANDO O RACISMO: VIVÊNCIAS ANTIRRACISTAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA PERIFERIA DE CARUARU-PE

Benedito Leite de Souza Júnior¹
Layane Gabriely Alves da Silva²
Edgreyce Bezerra dos Santos³
Daiana Alves dos Santos⁴
Maria Silvaneide Faustino Nogueira⁵
Ciro Linhares de Azevedo⁶

RESUMO

Esta pesquisa resulta de experiência desenvolvida com estudantes do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública na periferia de Caruaru (PE). A iniciativa surgiu a partir do componente curricular "Identidade Docente e Educação Antirracista" do curso de especialização em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do IFPE Garanhuns, da qual sou discente, que propôs para o Tempo Comunidade a elaboração de práticas antirracistas no contexto escolar. Em uma turma com significativa presença de alunos negros, foi exibida uma palestra com o Ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida sobre o conceito de "Racismo Estrutural". A partir daí, promoveu-se rodas de conversas sobre as diversas formas de racismo (ambiental, religioso, institucional, etc.) e seus impactos nas vidas dos estudantes. A proposta teve como objetivo a desnaturalização das práticas e narrativas cotidianas geradoras de violências raciais. Este processo de conscientização objetivou gerar o empoderamento e a autopercepção da condição social dos/das alunos(as) através do letramento racial, pautado no domínio de conceitos acadêmicos sobre o debate étnico-racial e o resgate de saberes ancestrais afrocentrados. A escola, enquanto espaço de subjetivação, tem um papel vital na promoção de uma educação antirracista que vai além da folclorização das existências negras através do reconhecimento da contribuição cultural e social do povo negro de maneira profunda e contínua. Assim, pretendemos relatar nesta pesquisa o planejamento da sequência didática, a fundamentação teórica pautada nas premissas e conceitos do pensamento sociológico afrocentrado, a execução dos envolvimento pedagógicos e os impactos desta vivência no cotidiano escolar e nas narrativas produzidas pelos alunos. A relevância da atividade evidencia-se pela culminância denúncias por parte dos alunos negros de práticas de racismo cometidas no ambiente escolar. Essa reação pode ser interpretada como um reflexo do confronto

¹ Mestre em Educação Contemporânea, UFPE, Caa. Especializando do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do IFPE, Campus Garanhuns, benedito.lsjunior@professor.educacao.pe.gov.br;

² Especializanda do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-quilombola e Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns, layane.alves@pesqueira.ifpe.edu.br;

³ Especializanda do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-quilombola e Antirracista do IFPE – Campus Garanhuns, edgreyce.santos@pesqueira.ifpe.edu.br;

⁴ Especializanda do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-quilombola e Antirracista do IFPE – Campus Garanhuns, daiane8785@gmail.com;

⁵ Especializanda do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-quilombola e Antirracista do IFPE – Campus Garanhuns, silvinhaxukuru@hotmail.com

⁶ Professor orientador: Ciro Linhares de Azevedo, Mestre, Docente do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-quilombola e Antirracista do IFPE – Campus Garanhuns, ciro.azevedo@garanhuns.ifpe.edu.br.

lancinante com a realidade racial, mostrando a complexidade e a profundidade do processo de conscientização antirracista.

Palavras-chave: Sequência Didática, Fundamental I, Contracolônia, Identidade Quilombola, Antirracismo.

Introdução

A educação desempenha um papel central na construção de sociedades mais justas e igualitárias. No contexto brasileiro, o enfrentamento ao racismo estrutural é um desafio contínuo, especialmente no campo educacional. Neste sentido, o curso de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, ofertado pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns, vem se destacando como uma experiência inovadora na promoção de práticas pedagógicas antirracistas. A disciplina **Identidade Docente e Educação Antirracista**, ministrada pelos professores Pedro Fernando dos Santos, quilombola, e Alexsander Costa, homem negro, propôs aos discentes a tarefa de desenvolver práticas antirracistas em seus respectivos territórios, sejam esses espaços de educação formal ou informal. O presente artigo relata as vivências decorrentes dessa proposta e discute seus impactos no contexto educacional. A educação desempenha um papel central na construção de sociedades mais justas e igualitárias, sendo um dos pilares na promoção de uma cultura de respeito, diversidade e inclusão. No Brasil, onde o racismo estrutural permeia inúmeras esferas da vida social, os desafios no campo educacional se intensificam, exigindo práticas pedagógicas que não apenas reconheçam a diversidade, mas que atuem diretamente na desconstrução de preconceitos. Dentro deste contexto, o curso de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, ofertado pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns, destaca-se como uma iniciativa pioneira e inovadora, comprometida em formar educadores sensíveis às questões étnico-raciais e habilitados a promover mudanças significativas.

A disciplina de Identidade Docente e Educação Antirracista, coordenada pelos professores Pedro Fernando dos Santos, quilombola, e Alexsander Costa, homem negro, exemplifica esse compromisso ao desafiar os discentes a desenvolverem práticas antirracistas em seus próprios territórios, compreendidos como espaços tanto de educação formal quanto informal. Essa abordagem permite que o aprendizado transcenda a sala de aula, transformando-se em experiências concretas e significativas nas comunidades e contextos específicos de cada estudante. O presente artigo apresenta um relato das vivências oriundas dessa proposta pedagógica, analisando seus impactos e contribuições no cenário educacional, além de destacar os desafios e potencialidades encontrados na implementação de uma educação verdadeiramente antirracista no Brasil. A educação é uma força transformadora essencial para o avanço de uma sociedade mais justa e igualitária, atuando não apenas na transmissão de conhecimentos, mas na formação crítica e ética dos indivíduos. No Brasil, onde o racismo estrutural marca profundamente as experiências e oportunidades de milhões de cidadãos, o papel da educação torna-se ainda mais crucial. A escola e os espaços de formação devem ser não apenas ambientes de aprendizagem, mas também de transformação social, promovendo práticas que contribuam para a desconstrução de preconceitos e para a valorização das diversidades culturais e étnico-raciais. No campo educacional brasileiro, o enfrentamento do racismo é um desafio contínuo e urgente, exigindo que políticas educacionais e práticas pedagógicas sejam moldadas a partir de um compromisso com a inclusão e com a justiça social.

Nesse cenário, o curso de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, oferecido pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns, emerge como uma iniciativa inovadora e de vanguarda. Voltado para educadores, o curso foca na capacitação de profissionais que atuem de forma consciente e crítica sobre as questões étnico-raciais, promovendo um ensino que reconheça e valorize a identidade de diferentes grupos étnicos e culturais. Essa formação é não apenas teórica, mas prática e aplicada, incentivando seus participantes a tornarem-se agentes de mudança em seus próprios contextos, construindo práticas pedagógicas antirracistas nos mais diversos espaços de atuação, sejam eles formais, como escolas e

universidades, ou informais, como projetos comunitários e ações sociais.

Uma das disciplinas que melhor exemplifica essa proposta é Identidade Docente e Educação Antirracista, ministrada pelos professores Pedro Fernando dos Santos, quilombola, e Alexsander Costa, homem negro. Nessa disciplina, os educadores desafiam seus alunos a desenvolverem ações concretas de combate ao racismo em seus territórios, respeitando a singularidade de cada espaço e promovendo práticas alinhadas com a realidade social de seus alunos. Essa proposta metodológica inovadora permite que os conhecimentos adquiridos sejam aplicados de forma contextualizada, transformando-se em vivências significativas que impactam diretamente as comunidades e ampliam a compreensão de como a educação pode – e deve – ser uma ferramenta de luta contra o racismo e as desigualdades.

No Brasil, o racismo estrutural é uma realidade profundamente enraizada, que impacta especialmente populações negras e periféricas. No ambiente escolar, esses efeitos se tornam evidentes, refletindo-se nas disparidades educacionais, nas práticas pedagógicas e no tratamento direcionado a alunas/os e professoras/es negras/os. Em escolas situadas em regiões de vulnerabilidade social, como as periferias do agreste pernambucano, essa realidade é ainda mais desafiadora. Ali, onde a maioria da população é negra e enfrenta dificuldades econômicas, o racismo estrutural perpetua barreiras à plena inclusão e ao acesso a uma educação de qualidade, reforçando estigmas, preconceitos e limitações na formação cidadã.

Nesse contexto, a escola pública de Caruaru representa um exemplo da resistência e da busca por uma educação transformadora. A instituição, inserida em uma comunidade de classe baixa, com predominância de estudantes de origem negra, enfrenta diariamente os desafios impostos pelo racismo estrutural. No entanto, comprometida em promover uma educação que valorize as identidades e combata as desigualdades, a escola se aliou ao curso de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns. Em especial, a disciplina "Identidade Docente e Educação Antirracista" teve um papel significativo ao propor que educadores desenvolvessem práticas antirracistas em suas comunidades e/ou territórios.

Sob a orientação dos professores Pedro Fernando dos Santos e Alexsander Costa, as/os educadoras/es da escola de Caruaru foram desafiadas/os a aplicar e adaptar os conhecimentos adquiridos na disciplina de sua área específica, considerando o contexto específico e as particularidades da realidade local. Com isso, ações educativas que visam desconstruir o racismo, valorizar a identidade negra e fortalecer a autoestima dos estudantes foram elaboradas, criando uma experiência única de resistência e afirmação. Essa iniciativa se tornou um passo importante na construção de uma escola mais inclusiva e conscientizadora, capaz de transformar o ambiente escolar em um espaço de valorização da diversidade e de combate ativo às estruturas racistas.

O presente artigo, portanto, busca relatar as vivências e experiências práticas resultantes dessa disciplina, explorando como as/os alunas/os desenvolveram e aplicaram suas iniciativas antirracistas e refletindo sobre os impactos concretos dessas ações no campo educacional. Por meio desses relatos, torna-se possível entender os desafios e as potencialidades de uma educação antirracista no Brasil e reforçar a importância de formar profissionais que, em suas práticas, assumam o compromisso com a transformação social.

Contexto da Pesquisa

A escola pública em Caruaru, localizada na região agreste de Pernambuco, representa um cenário comum nas periferias brasileiras: a maioria das/os estudantes é composta por jovens de origem negra e de baixa renda, vivendo em um contexto marcado por limitações socioeconômicas. Muitas famílias enfrentam dificuldades financeiras, com renda insuficiente para suprir todas as necessidades básicas, o que influencia diretamente na vida escolar das/os alunas/os. Esse perfil socioeconômico e racial específico coloca essas/es estudantes em uma situação de maior vulnerabilidade educacional e social, tornando a escola não apenas um espaço de aprendizado, mas também um ambiente de acolhimento, onde muitas/os buscam apoio e encontram oportunidades de desenvolvimento pessoal. Diante disso, o desafio de promover uma educação que reconheça e valorize essas identidades é fundamental para combater a exclusão e proporcionar uma formação que contribua para a construção de uma consciência crítica sobre as questões raciais e sociais.

Para responder a esses desafios, a escola de Caruaru participou do projeto de práticas antirracistas como parte do curso de especialização em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, oferecido pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns. A inserção desse projeto no curso ocorreu por meio da disciplina "Identidade Docente e Educação Antirracista", ministrada pelos professores Pedro Fernando dos Santos e Alexander Costa, que têm como objetivo capacitar as/os docentes para que desenvolvam práticas pedagógicas antirracistas em suas comunidades e/ou territórios. A metodologia do curso inclui o "Tempo Comunidade", que se trata de um período específico no qual as/os participantes devem aplicar os conhecimentos adquiridos em um contexto prático e concreto, adaptado às realidades de suas escolas e comunidades. Esse tempo dedicado ao contexto local é essencial, pois permite que as/os educadoras/es compreendam de forma mais profunda os desafios e as potencialidades da educação antirracista no ambiente em que atuam, possibilitando a criação de estratégias educativas que realmente dialoguem com os estudantes e suas vivências.

Como ponto de partida para as discussões sobre racismo e suas implicações, a escola escolheu uma palestra com Silvio Almeida, reconhecido jurista e filósofo brasileiro, que tem se destacado como uma das principais vozes no debate sobre racismo estrutural no país. A escolha pela palestra de Silvio Almeida foi fundamentada na importância de iniciar o projeto com uma abordagem teórica sólida e acessível, que pudesse ajudar professoras/es e alunas/os a entenderem a profundidade e a complexidade do racismo estrutural no Brasil. Almeida, com sua linguagem clara e seu compromisso em abordar o racismo a partir de uma perspectiva crítica e abrangente, oferece uma base indispensável para que as/os educadoras/es e estudantes percebam as dimensões históricas, sociais e políticas do racismo. Assim, a palestra foi utilizada como ponto de partida para fomentar o pensamento crítico e estimular discussões que iriam se desdobrar ao longo do projeto, promovendo uma consciência mais ampla sobre o papel da educação na luta contra o racismo e incentivando a participação ativa de todas/os na construção de uma escola mais inclusiva e representativa.

Fundamentação Teórica

A promoção de uma educação antirracista no Brasil encontra respaldo legal e teórico em diversos documentos e estudos que enfatizam a importância de práticas pedagógicas que abordem a diversidade étnico-racial e a história afro-brasileira. A implementação da Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), marcou um passo significativo nesse sentido, ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira no currículo escolar (BRASIL, 2003). Essa legislação visa contribuir para a valorização das contribuições dos povos africanos na formação social, cultural e econômica do país, abordando temas como identidade e respeito à diversidade. Contudo, sua aplicação efetiva enfrenta obstáculos, como resistências institucionais e a carência de capacitação das/os docentes, que ainda precisam de subsídios teóricos e metodológicos para o enfrentamento das desigualdades raciais no espaço educacional.

A educação antirracista, conforme discutida por Florestan Fernandes (2008), envolve a necessidade de desnaturalizar as narrativas racistas que estruturam as relações sociais e as práticas institucionais no Brasil. Fernandes observa que o racismo estrutural não apenas sustenta as desigualdades, mas também influencia os modos de produção e reprodução das hierarquias sociais que marginalizam historicamente as populações negras no país. Segundo ele, sem a conscientização das/os agentes educacionais sobre esses processos, as ações para reduzir as desigualdades raciais permanecem limitadas (FERNANDES, 2008). Silvio Almeida (2019) amplia essa perspectiva, ao apontar que o racismo no Brasil é um sistema estrutural que permeia as instituições e a cultura, dificultando a mobilidade social e o acesso igualitário aos direitos. Almeida reforça que o espaço escolar possui um papel central na desconstrução dessas hierarquias e na formação de uma sociedade mais justa, visto que os estudantes estão em fase de formação crítica e identitária (ALMEIDA, 2019).

Em linha com essas discussões, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) introduz a valorização da pluralidade cultural e étnico-racial como uma competência central na educação brasileira, destacando a necessidade de uma abordagem que combata as diversas formas de discriminação. O documento orienta que as escolas incorporem, em todas as disciplinas, conteúdos que abordem o respeito à diversidade e que formem cidadãos e cidadãs críticas/os e conscientes da multiplicidade cultural do país (BNCC, 2024). Dessa forma, a BNCC estabelece uma estrutura para que a educação antirracista e intercultural seja parte essencial do projeto pedagógico das instituições de ensino.

Além das contribuições de Fernandes e Almeida, a UNESCO, na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, também enfatiza a importância da diversidade cultural como elemento de enriquecimento para todas as sociedades, propondo que o respeito às diferenças é uma base fundamental para a paz e a convivência harmoniosa entre os povos (UNESCO, 2001). Esse entendimento reforça a necessidade de uma educação que valorize as contribuições culturais dos povos afro-brasileiros, indígenas e outros grupos historicamente marginalizados.

O referencial teórico para a educação antirracista inclui ainda autores como Angela Davis, Djamila Ribeiro e Nei Lopes, que oferecem perspectivas adicionais sobre as questões de raça e classe e sobre a importância do "lugar de fala" na construção de uma sociedade mais equitativa. Davis (2016) discute a intersecção entre gênero, raça e classe, revelando como esses elementos se articulam para aprofundar as desigualdades sociais. Ribeiro (2017), por sua vez, propõe a noção de "lugar de fala" como um instrumento de empoderamento, dando voz às experiências de pessoas negras e combatendo a invisibilidade desses sujeitos no campo educacional. Lopes e Simas (2019) oferecem um panorama das filosofias africanas, sublinhando o valor dos saberes tradicionais afro-brasileiros e sua integração na formação educacional como meio de afirmação cultural e identitária.

Portanto, a fundamentação teórica para uma educação antirracista no Brasil apoia-se em legislações, diretrizes educacionais e nas contribuições de teóricas/os que abordam o racismo estrutural e a importância de valorizar a diversidade. Juntos, esses elementos fornecem uma base sólida para que as práticas pedagógicas sejam orientadas para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Metodologia

O componente curricular "Identidade Docente e Educação Antirracista" incentivou as/os discentes do curso de especialização a desenvolverem e implementarem práticas antirracistas diretamente em seus contextos de atuação. Em conformidade com essa orientação, foi elaborada e aplicada uma sequência didática em uma escola pública da periferia de Caruaru, Pernambuco, cujo público principal eram estudantes do ensino médio, predominantemente de origem negra e de classes sociais vulneráveis. Esse projeto visou promover a conscientização sobre as múltiplas formas de racismo (estrutural, ambiental, religioso, institucional, entre outras) por meio de um ciclo de palestras e rodas de conversa. A estratégia pedagógica foi embasada no letramento racial, orientando-se por conceitos afrocentrados e pretagógicas – práticas pedagógicas inspiradas nos saberes ancestrais africanos que valorizam e fortalecem a identidade negra, como discutem Nei Lopes e Luiz Simas (2019).

Descrição da Sequência Didática

A sequência didática aplicada foi organizada em três etapas principais: (1) preparação e sensibilização das/os estudantes sobre os temas a serem discutidos, (2) realização de rodas de conversa interativas sobre diferentes formas de racismo e (3) atividades de reflexão e análise do impacto do racismo nas vidas das/os estudantes. Esse processo teve duração de aproximadamente quatro semanas, com encontros semanais de uma hora e meia, buscando proporcionar um espaço seguro para o diálogo e para o compartilhamento de vivências.

Formato das Rodas de Conversa

As rodas de conversa foram o ponto central da sequência didática, organizadas em encontros temáticos que abordavam as diferentes manifestações do racismo. Cada roda de conversa focou em um tipo específico de racismo – estrutural, ambiental, religioso e institucional – para promover uma compreensão aprofundada de cada um desses conceitos e sua influência no cotidiano. Para iniciar cada sessão, foi utilizada uma introdução teórica curta sobre o tema, seguida por uma discussão guiada, na qual as/os estudantes foram incentivadas/os a compartilhar suas próprias experiências e a refletir sobre o impacto do racismo em suas vidas.

Durante as rodas de conversa, foi priorizada uma dinâmica circular e horizontal, onde todas/os tinham a oportunidade de falar e ouvir, reforçando a construção coletiva de conhecimento. Essa abordagem buscou romper com o modelo de ensino tradicional e hierárquico, criando um espaço de escuta e acolhimento. Além disso, foram utilizados recursos visuais, como vídeos curtos e imagens, que ilustravam situações relacionadas a cada tipo de racismo, servindo como disparadores para o debate.

Análise do Impacto do Racismo nas Vidas dos Estudantes

Uma das atividades centrais dessa metodologia foi a análise do impacto das diferentes formas de racismo nas vidas das/os estudantes, incentivando-as/os a refletirem sobre suas experiências e sobre o contexto em que vivem. Essa etapa foi realizada por meio de dinâmicas em grupo e da produção de textos e desenhos nos quais as/os estudantes poderiam expressar como percebem o racismo em suas realidades. Por exemplo, no debate sobre racismo ambiental, as/os estudantes discutiram questões como a escassez de recursos em suas comunidades e a localização

de áreas industriais poluentes em regiões habitadas majoritariamente por pessoas negras e de baixa renda. Já no racismo institucional, foram discutidas as diferenças no tratamento recebido em espaços públicos e na escola.

Essas atividades promoveram uma análise crítica dos fatores que contribuem para a perpetuação do racismo, levando as/os estudantes a reconhecerem essas manifestações em suas próprias vivências e a se fortalecerem na busca por resistir a essas imposições.

Estratégias de Letramento Racial

O letramento racial, enquanto estratégia pedagógica central, foi implementado de maneira a desenvolver o autoconhecimento e o empoderamento das/os estudantes. Utilizando-se conceitos afrocentrados e pedagogias, a metodologia visou fortalecer a identidade negra e conectar as/os estudantes a saberes ancestrais que valorizam suas origens culturais. Entre as estratégias, foram realizadas leituras e interpretações de textos de autoras/es negras/os, como Nei Lopes e Luiz Simas (2019), que resgatam e discutem as contribuições das filosofias africanas e afro-brasileiras. Além disso, foram organizadas atividades de contação de histórias, nas quais as/os estudantes puderam conhecer lendas e figuras importantes da cultura afro-brasileira, promovendo um maior reconhecimento e valorização de suas raízes.

Essas atividades de letramento racial também incluíram a análise de representações culturais afro-brasileiras na mídia, como músicas, poemas e obras de arte, para ajudar as/os estudantes a compreenderem o valor de sua herança cultural e a reconhecerem como o racismo muitas vezes opera na invisibilização dessas representações. Ao final da sequência didática, as/os estudantes participaram de uma atividade de reflexão individual, onde puderam expressar como cada encontro contribuiu para sua compreensão sobre o racismo e para o fortalecimento de sua autoestima e identidade.

A combinação dessas metodologias, voltadas ao letramento racial e ao fortalecimento da identidade negra, resultou em um ambiente educacional mais inclusivo e consciente das questões raciais. Essa experiência buscou não apenas conscientizar as/os estudantes sobre o racismo, mas também capacitá-las/os a enfrentar e resistir às discriminações, promovendo uma transformação significativa em seu modo de se verem e de se relacionarem com o mundo ao seu redor.

Execução e Desenvolvimento das Atividades

A execução das atividades desenvolvidas na escola pública de Caruaru teve como objetivo criar um ambiente de reflexão e aprendizado crítico sobre o racismo, abordando-o em suas várias manifestações e contextualizando-o com as realidades das/os estudantes. O ciclo de atividades incluiu uma palestra inicial com o jurista e filósofo Silvio Almeida, seguida de rodas de conversa e atividades de letramento racial, conectando as/os estudantes aos saberes ancestrais e promovendo o empoderamento racial.

Palestra com Silvio Almeida

A palestra com Silvio Almeida, jurista reconhecido por sua obra sobre o conceito de racismo estrutural, foi organizada como uma atividade inicial para introduzir o tema de forma fundamentada e acessível às/aos estudantes. O evento contou com a exibição de uma gravação de uma palestra previamente realizada por Almeida, adaptada para as/os estudantes do ensino médio da escola. A escolha por uma apresentação audiovisual teve o intuito de facilitar o entendimento dos conceitos de forma dinâmica e contextualizada, oferecendo uma base teórica que seria explorada mais a fundo nas atividades subsequentes.

Os principais objetivos da palestra foram introduzir os conceitos de racismo estrutural e institucional e provocar uma reflexão inicial sobre como essas formas de racismo se manifestam nas estruturas sociais e impactam a vida cotidiana das/os estudantes. Silvio Almeida aborda o racismo estrutural como um fenômeno que ultrapassa o âmbito individual e se instala nas estruturas da sociedade, nas instituições e nas práticas sociais (ALMEIDA, 2019). Essa abordagem foi essencial para que as/os estudantes compreendessem que o racismo é um sistema complexo, que independe das intenções pessoais, mas é sustentado e reproduzido por normas e práticas que reforçam as desigualdades.

A recepção das/os alunas/os à palestra foi positiva e marcada por uma grande curiosidade. Muitas/os estudantes compartilharam que nunca haviam tido a oportunidade de ouvir uma explicação tão clara e estruturada sobre o racismo e sua relação com o contexto social. Ao final, as/os alunas/os foram convidadas/os a refletir sobre como o racismo estrutural poderia ser percebido em seu próprio cotidiano, incluindo o ambiente escolar. Essa atividade preparou o terreno para as rodas de conversa e demais atividades, proporcionando uma base teórica inicial para as discussões.

Rodas de Conversa

As rodas de conversa representaram o núcleo da sequência didática, oferecendo um espaço aberto e seguro para que as/os estudantes pudessem compartilhar experiências e reflexões sobre os diferentes tipos de racismo. Cada roda de conversa teve uma temática central, organizada em encontros semanais, abordando temas como racismo ambiental, religioso, institucional e estrutural, para que as/os estudantes pudessem explorar esses conceitos de forma aprofundada e conectá-las/os com suas próprias vivências.

Em cada encontro, foi dedicada uma breve introdução teórica sobre o tema específico, seguida de discussões abertas. No encontro sobre racismo ambiental, por exemplo, foram discutidos casos de comunidades negras e de baixa renda impactadas pela poluição e pela falta de infraestrutura, temas que as/os estudantes puderam relacionar diretamente com as condições de suas próprias comunidades. O racismo religioso foi abordado com foco nas religiões de matriz africana e o preconceito que enfrentam, enquanto o racismo institucional foi discutido a partir de exemplos de discriminação em espaços como o mercado de trabalho, instituições de saúde e a própria escola.

As/os alunas/os participaram ativamente das rodas de conversa, compartilhando experiências pessoais e questionamentos, o que permitiu uma troca enriquecedora entre todas/os. Uma das discussões mais marcantes ocorreu quando as/os estudantes discutiram o racismo estrutural no sistema educacional e perceberam como, muitas vezes, as próprias práticas e currículos escolares ignoram ou desvalorizam as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros. Essa discussão gerou um forte engajamento e levou as/os estudantes a refletirem sobre o que gostariam de ver incluído nas aulas para que se sentissem mais representadas/os e valorizadas/os.

A metodologia das rodas de conversa foi fundamental para incentivar a participação ativa e a expressão das/os alunas/os. O formato circular e horizontal permitiu que todas/os se sentissem à vontade para contribuir, promovendo uma experiência de aprendizagem coletiva e colaborativa. A cada encontro, foram registradas as falas e reflexões das/os alunas/os, o que permitiu acompanhar o desenvolvimento de sua compreensão sobre os temas abordados e seu crescimento pessoal no reconhecimento e enfrentamento do racismo.

Saberes Ancestrais e Letramento Racial

O letramento racial e o resgate dos saberes ancestrais foram estratégias pedagógicas centrais na sequência didática, visando conectar as/os alunas/os às raízes culturais afro-brasileiras e empoderá-las/os em sua identidade racial. Inspiradas pelas "pretagogias", conceito discutido por Nei Lopes e Luiz Simas (2019), essas atividades incluíram a valorização dos saberes afrocentrados, através da leitura de textos, contação de histórias e da análise de representações culturais afro-brasileiras.

Uma das atividades de letramento racial incluiu a leitura e interpretação de trechos do livro **Filosofias Africanas** de Nei Lopes e Luiz Simas, que aborda conceitos fundamentais das tradições filosóficas africanas e afro-brasileiras. As/os estudantes foram incentivadas/os a discutir os valores e ensinamentos presentes nas filosofias africanas, como o respeito à ancestralidade e a coletividade. Isso ajudou-as/os a compreender que a resistência e a valorização de suas identidades são práticas com raízes históricas e culturais profundas, o que contribuiu para seu empoderamento pessoal.

Além disso, atividades de contação de histórias foram realizadas, trazendo narrativas de figuras históricas afro-brasileiras, como Zumbi dos Palmares, Dandara e Luiza Mahin, bem como lendas e mitos/itãs das religiões de matriz africana. Essas atividades tiveram como objetivo mostrar às/aos alunas/os a riqueza de sua herança cultural e a importância de preservar e valorizar esses saberes. Ao ouvir e discutir essas histórias, as/os estudantes puderam desenvolver uma visão mais positiva de si mesmas/os e de suas origens, o que se revelou uma estratégia poderosa para o fortalecimento de suas identidades raciais.

Outras estratégias de letramento racial incluíram a análise de músicas, poesias e produções culturais afro-brasileiras. As/os estudantes participaram de discussões sobre letras de músicas que abordam temas de resistência e identidade negra, como as de artistas contemporâneos da música popular brasileira. A partir dessas análises, as/os alunas/os foram capazes de identificar os modos como o racismo é representado na cultura e como a cultura negra oferece meios de expressão e resistência a essas opressões.

As atividades de letramento racial não apenas ampliaram a compreensão das/os estudantes sobre o racismo, mas também criaram uma base sólida para o desenvolvimento de sua autoestima e consciência identitária. Ao final da sequência didática, foi realizado um momento de reflexão em que as/os alunas/os compartilharam suas impressões sobre as atividades e os conhecimentos adquiridos. Muitas/os relataram que a experiência as/os ajudou a reconhecer o valor de sua cultura e a importância de lutar contra as discriminações que enfrentam.

Em síntese, a execução das atividades revelou-se um caminho eficaz para a construção de um espaço educativo que valoriza e fortalece a identidade das/os estudantes negras/os, promovendo o engajamento em uma educação antirracista crítica e transformadora. A combinação de palestras, rodas de conversa e estratégias de letramento racial proporcionou um ambiente de aprendizagem

que respeita e valoriza a diversidade, capacitando as/os estudantes a reconhecerem o racismo em suas várias formas e a se posicionarem contra ele de maneira consciente e fundamentada.

Resultados e Discussão

A sequência didática sobre educação antirracista implementada na escola pública de Caruaru gerou um impacto significativo no desenvolvimento pessoal e na conscientização das/os estudantes em relação ao racismo. A partir de uma análise qualitativa das narrativas das/os alunas/os e das observações realizadas durante as atividades, foi possível identificar efeitos expressivos no empoderamento das/os estudantes negras/os e na transformação de suas autopercepções, bem como na denúncia de práticas racistas no ambiente escolar. A seguir, serão discutidos esses resultados, com reflexões sobre o papel da escola como espaço de subjetivação e como potencial para promover uma educação antirracista efetiva.

Análise das Narrativas das/os Estudantes

As narrativas das/os estudantes, coletadas ao longo das rodas de conversa e nas atividades de reflexão, revelaram mudanças importantes em suas percepções sobre o racismo e sobre si mesmas/os. Antes da sequência didática, muitas/os estudantes apresentavam uma compreensão superficial e, muitas vezes, naturalizada do racismo, descrevendo-o como uma questão individual ou de ofensa isolada. Após as discussões propostas, as/os alunas/os passaram a reconhecer o racismo como um sistema estrutural que afeta de maneira sistemática suas vidas e a comunidade em que vivem, o que gerou um sentimento coletivo de pertencimento e de resistência.

Nas rodas de conversa, as/os estudantes compartilharam vivências cotidianas de discriminação e preconceito, que antes não eram vistas como manifestações de racismo. A análise desses relatos indicou que as atividades proporcionaram um espaço seguro para que as/os estudantes nomeassem e compreendessem suas experiências sob uma nova perspectiva, fortalecendo sua capacidade de identificar práticas racistas e reconhecer que não estão sozinhas/os nessa luta. Esse processo de verbalização e de compartilhamento coletivo funcionou como uma forma de empoderamento para as/os alunas/os, que relataram sentir-se mais conscientes de seu lugar no mundo e mais preparadas/os para enfrentar as discriminações.

Impacto das Atividades no Empoderamento e na Autopercepção das/os Alunas/os Negras/os

As atividades desenvolvidas contribuíram significativamente para o fortalecimento da identidade racial das/os alunas/os negras/os. Estratégias pedagógicas focadas no letramento racial e na valorização dos saberes ancestrais proporcionaram um ambiente em que as/os estudantes puderam refletir sobre suas raízes culturais e sobre o valor de sua identidade negra. Essa valorização cultural trouxe uma nova dimensão ao modo como as/os estudantes se veem e se relacionam consigo mesmas/os e com as/os outras/os, impactando diretamente sua autoestima e autopercepção.

Os depoimentos das/os estudantes evidenciaram que, ao longo das atividades, muitas/os passaram a sentir orgulho de sua identidade racial e a valorizar suas heranças culturais de maneira mais consciente e positiva. Antes das atividades, algumas/uns estudantes relatavam sentir vergonha ou tentavam “esconder” aspectos de sua identidade; após a sequência didática, expressaram uma atitude diferente, pautada pelo reconhecimento e valorização de suas origens. Esse processo de empoderamento é fundamental para o desenvolvimento de uma autopercepção positiva e para a construção de uma resistência crítica ao racismo, contribuindo para que essas/es alunas/os enxerguem a escola como um espaço de afirmação e de valorização de suas identidades.

Denúncias de Práticas Racistas no Ambiente Escolar

Um dos efeitos mais imediatos das atividades foi o aumento das denúncias de práticas racistas no ambiente escolar. A sequência didática proporcionou um espaço de discussão e conscientização que estimulou as/os estudantes a reconhecerem atitudes e situações discriminatórias, tanto por parte de colegas quanto de profissionais da escola. A partir desse reconhecimento, algumas/uns alunas/os relataram sentir-se encorajadas/os a falar abertamente sobre essas situações e a denunciar episódios de racismo que anteriormente eram tratados como “brincadeiras” ou “mal-entendidos”.

Essas denúncias indicam que as/os estudantes passaram a enxergar o racismo em suas múltiplas dimensões e a entender que a escola também pode ser um espaço onde práticas racistas são perpetuadas, seja por meio de comentários desrespeitosos, seja pela falta de representatividade e valorização da diversidade no currículo e nas práticas pedagógicas. Essa nova postura crítica das/os alunas/os reforça a necessidade de uma formação continuada para todas/os as/os envolvidas/os no ambiente escolar, de modo a garantir que a escola se torne efetivamente um espaço de respeito e de valorização das diferenças.

A Escola como Espaço de Subjetivação e Educação Antirracista

A experiência desenvolvida demonstra o papel essencial da escola como um espaço de subjetivação, onde as/os estudantes têm a oportunidade de se formar como sujeitas/os críticas/os e conscientes de suas identidades e de suas condições sociais. A escola, quando assume a responsabilidade de promover uma educação antirracista, possibilita o desenvolvimento de subjetividades que reconhecem e valorizam as diversas identidades e culturas presentes em seus espaços, rompendo com a lógica de invisibilização e silenciamento das questões raciais.

Nesse sentido, a escola em Caruaru mostrou-se capaz de transformar-se em um espaço de formação crítica, onde as/os estudantes puderam reavaliar suas percepções e posturas, reconhecendo-se como agentes de transformação social. Uma educação antirracista não só permite que as/os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda das estruturas de opressão, mas também as/os encoraja a lutar contra essas estruturas, promovendo uma nova forma de ver a si mesmas/os e o mundo. Isso reforça a importância de práticas pedagógicas que conectem as/os estudantes aos saberes ancestrais e que incluam o letramento racial como ferramenta para a promoção da equidade racial.

A experiência aqui relatada indica que uma educação antirracista transformadora precisa envolver toda a comunidade escolar e estar comprometida com a valorização da pluralidade cultural. Para que a escola cumpra esse papel, é essencial que as/os educadoras/es estejam preparadas/os para lidar com as questões raciais e que o currículo seja orientado por uma perspectiva inclusiva, que respeite e valorize a diversidade étnico-racial. Essa mudança de perspectiva requer um esforço contínuo para desconstruir preconceitos e reestruturar práticas pedagógicas, mas os resultados observados com as/os estudantes de Caruaru apontam que é possível e necessário caminhar nessa direção para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os resultados da implementação das práticas antirracistas foram evidentes tanto no nível individual quanto coletivo das/os estudantes envolvidos. A proposta de promover rodas de conversas sobre as diferentes formas de racismo gerou conscientização e reflexões profundas entre as/os alunas/os, muitas/os das/os quais relataram experiências pessoais de discriminação racial dentro e fora do ambiente escolar. Esses relatos reforçam a importância de espaços educativos que permitam a expressão dessas vivências, conforme apontado por autores como Angela Davis (2016) e Djamila Ribeiro (2017).

A desnaturalização do racismo e o empoderamento dos/das estudantes foram potencializados pelo contato com conceitos acadêmicos sobre racismo estrutural e pela valorização

dos saberes afro-brasileiros, conforme destacado na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO (2001). A culminância das atividades resultou na formalização de denúncias de práticas racistas no ambiente escolar, o que pode ser interpretado como um sinal do impacto transformador dessas práticas pedagógicas.

Conclusão

A experiência relatada neste artigo evidencia a importância de uma educação antirracista que vá além do cumprimento formal de legislações como a Lei nº 10.639/2003. O enfrentamento ao racismo estrutural exige práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as identidades negras e quilombolas e promovam a conscientização crítica sobre as formas de opressão racial que permeiam a sociedade brasileira. O curso de Pós-Graduação em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista do IFPE se destaca como uma iniciativa essencial nesse processo, fornecendo as bases teóricas e práticas para a formação de educadoras/es comprometidas/os com a luta antirracista.

A experiência de implementação do componente "Identidade Docente e Educação Antirracista" na escola pública de Caruaru revelou a relevância e o impacto de práticas pedagógicas antirracistas na formação crítica e no empoderamento das/os estudantes. A partir das atividades propostas, foi possível observar uma transformação significativa na autopercepção das/os alunas/os negras/os, que passaram a valorizar suas identidades e a reconhecer o racismo como um fenômeno estrutural que permeia suas vivências cotidianas. As rodas de conversa e as estratégias de letramento racial foram fundamentais para abrir espaço a discussões profundas sobre o racismo e o papel da cultura afro-brasileira na formação do país, promovendo um ambiente em que as/os estudantes puderam se expressar, refletir e se conscientizar coletivamente. Além disso, o aumento das denúncias de práticas racistas na escola indicou um avanço na postura crítica das/os alunas/os e o fortalecimento de uma disposição para a denúncia e o enfrentamento de discriminações.

Os resultados da pesquisa evidenciam a importância de se investir em práticas antirracistas contínuas e profundas no ambiente escolar, que vão além de abordagens pontuais e promovam um engajamento duradouro das/os estudantes com as questões raciais. Uma educação antirracista eficaz deve ser incorporada de maneira permanente ao currículo e às práticas pedagógicas, desnaturalizando preconceitos e promovendo a valorização da diversidade cultural. A escola, nesse sentido, não deve ser apenas um local de instrução acadêmica, mas também um espaço de formação cidadã e subjetiva, onde as/os estudantes possam desenvolver consciência crítica e fortalecimento identitário. A continuidade de práticas antirracistas é essencial para que mudanças profundas possam se consolidar, reforçando o papel da escola na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Como sugestões para futuras intervenções pedagógicas no campo da educação antirracista, recomenda-se o desenvolvimento de atividades que explorem ainda mais a história e a cultura afro-brasileira, bem como a criação de projetos que promovam parcerias com comunidades quilombolas, terreiros e outras instituições comprometidas com a luta antirracista. Além disso, a formação de grupos de estudo e a capacitação contínua das/os educadoras/es para lidar com a temática são passos essenciais para consolidar a educação antirracista nas escolas. Essas iniciativas contribuiriam para transformar o ambiente escolar em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde o respeito, a diversidade e o reconhecimento das múltiplas identidades sejam parte central da formação de todas/os as/os estudantes.

Referências

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110639.htm). Acesso em: 15 out. 2024.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15

out. 2024.

- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 2008.
- UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160porb.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.